



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 12.7.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistado: Milton Alves Araújo

Responsável pela transcrição: Kaline Faria de Araújo (bolsista)

Carlos Gomes: Bom, nós temos aqui uma pessoa que foi citada em alguns depoimentos e que eu tinha falado que seria interessam nós o ouvirmos. Como é seu nome?

Milton Alves Araújo: Milton Alves de Araújo. Se disser meu nome por aí afora ninguém sabe, “Grande de Acari” ou “Grande do mel”. Eu trouxe até um melsinho para o senhor, para adoçar sua vida, mas o senhor parece que te diabetes, não é? Pois tome geleia real que o senhor resolve isso.

[risos]

Carlos Gomes: Na verdade, o depoimento dele é mais em relação... foi uma pessoa que conviveu dentro da Universidade, conheceu muita gente, ouviu muito barulho, muita coisa. E ele poderia, dentro desse contexto, dessa convivência dentro da Universidade, falar sobre o que ele ouviu de interessante, que pudesse nos ajudar. Traçar um perfil, que segundo escreveu... o lado bom dos maus e o lado maus dos bons.

Milton Alves Araújo: Eu fiz mandado para dr. Adriel Lopes Cardoso, mas mandado complicado. Eu comecei na Universidade em 1979, como jardineiro, porém eu muito inteligente, só fiz a quarta série, aprendi tudo muito rápido, e aprendi a operar grupo

gerador. Que a reitoria tinha um, tecnologia tinha outro. O curso de Direito tinha outro. Eram quatro grupos geradores. E o técnico não sabia de nada e eu aprendi tudo. E o Coronel Mosca, por sinal esse Coronel Leão daqui veio com prepotência para mim, e eu disse que não abria nem para o cão, uma coisa assim. E ele perguntou: “o senhor vem de onde?”. Eu disse: “do Seridó”. Ele disse: “Mais um problema para a gente, porque o seridoense sempre foi inteligente demais”. Mas dr. Diógenes da Cunha Lima disse que não: “coloque ele lá”. E eu fui cuidar do grupo gerador do setor II. E os alunos da área lá, fizeram um movimento grande para queimar esse grupo gerador, e não haver a solenidade que dr. Carlos Lobo, que veio Dinart Mariz, veio Patativa do Açaré, que eu terminei dirigindo até para ele. Dr. Adriel disse: “preste atenção, o homem é inteligente, você também”. Era a inauguração do Centro de Convivência. Eles simplesmente jogaram fogo lá no grupo gerador. Queimou uma parte elétrica, mas eu cheguei na hora “H”. Infelizmente dr. Cresci que era o prefeito do campus, se o senhor quiser pode até chamar ele. Não sei ele vai gostar de vim, mas eu não vou mentir. A história é que, dr. Cresci me pegou pelo braço, aí Tenente Martins, Capitão Seabra, o Tenente Eupídio, que mora aqui em Mirassol, foi diretor do RU, disse: “rapaz, Acari não vai mentir, ele vai mostrar os alunos que fizeram isso aí”. Por sinal tinha um amigo de Mineiro na época. O neto de Dinarte Mariz que dr. Adriel Lopes Cardoso descobriu que foi quem emprestou o fusca para os alunos levarem o troço lá e tocarem fogo. Resumindo, dr. Cresci me leva para a ASI. Eu entrei e fiquei: “oxe... eu estou indo depor em algum lugar?”. Ele disse: “Acari, tenha calma”. Quando eu entro, era dr. Adriel Lopez Cardoso, num birô cheio de papel. Aí começou: “Acari, como foi a história?”. Eu contei, porém depois de quatro, cinco dias, eu tinha que ir lá. Só por eu ter mostrado um aluno, que inclusive hoje é meu amigo, eu sou padrinho do filho dele. Ele não quer conversar com ninguém, mora lá em Jucurutu, tem uma granja. Dr. Adriel ficou me pedindo as coisas. Eu até me chateei, depois que fui ser zelador da residência universitária. E eu: “mas dr. Adriel, eu sou operador de grupo gerador, o senhor quer me colocar como zelador?”. Ele disse: “não, você vai fiscalizar os zeladores da residência universitária. Preste atenção nos estudantes”. E aí, me veio a ideia que eu estava sendo cobaia desse cidadão. Ora, eu inteligente demais. Mas nunca prejudiquei ninguém. Sou amigo de todo mundo. Sou amigo de gente que o senhor nem imagina. Eu tenho amizade demais. Por sinal, Marcelo Navarro é meu amigo, o pai dele. Eu na residência universitária. Dr. Adriel Lopes sempre perguntava: “Acari, e as coisa aí? Os alunos?”. Eu: “professor, os alunos lá bebem cachaça, agora estudam demais. E tem placas sendo

escritas lá para virem para a reitoria”. No início da invasão, que dr. Jaime Mariz era o pró-reitor de assuntos estudantis. E eles invadiram a reitoria quando o pró-reitor era Jaime Mariz. Depois ele foi para a Cosern, um ex-aluno estava lá e disse umas verdades a ele. Eu simplesmente... ele perguntava: “Acari, e as coisas?”. E eu dizia: “olha, as coisas estão sendo escritas”.

Ele disse:

– Tire as fotos.

Eu disse:

– Professores não têm.

Ele dizia:

– Não, a gente consegue tudo.

Eu disse:

– Dr. Adriel, eu não vou tirar foto para ninguém, e olhe, eu não faço mais nada para o senhor. Porque eu estou vendo que senhor quer prejudicar alguém. O senhor é investigador?

Eu sabia que a ASI existia porque umas pessoas tinham me falado. Eu sabia que tinha essa história de ASI... um colega lá de Acari dizia: “Acari, cuidado que um dia você pode se prejudicar com isso”. E eu disse: “não, me prejudicar não”, e nem me prejudiquei e nem me arrependo. Ele me pedia favor demais, olhe, quando eu coloquei minha pipoqueira no setor II, III, IV e V, eu tive dificuldade. Quando dr. Adriel falou com o pró-reitor de administração, que era o senhor Djalma Alecrim, disse: “tudo certo”. Aí, se eu colaborei, eu tive facilidade para as coisas. Dizem por aí que meu concurso, quando eu fiz para motorista oficial, que eu passei em segundo lugar, disseram: “mas rapaz, um cabra lá do sertão passou em segundo lugar e fulano... que hoje é motorista da reitora passou em quinto”. Mas não, eu passei porque eu estudei para isso. Para concluir algumas histórias dessa minha vida entre eu e o dr. Adriel Lopes Cardoso. Foi o seguinte: professor Diógenes, um dia disse: “Acari, você hoje não vai mais ficar na residência universitária, vai voltar para os grupos geradores”. O dr. Adriel deve ter conseguido o que queria, porque hoje, por exemplo, Popó hoje é juiz federal lá

para o Ceará. Chacrinha, que terminou Geologia, foi diretor da Vale do Rio Doce. Disse que tem pró-laboratório de 50 mil de salário [inaudível] com esse Eike Batista. Esse era tão inteligente que era doido. O senhor professor Roberto Hugo era professor de matemática, e ele era inteligente demais, ele veio de Minas, por sinal foi morar em Mãe Luiza, ele com um carro de som ao lado da reitoria, fazendo um movimento grande, e dr. Adriel procurou três, Lourenço que não quis, Paulo que não quis, eu quis. Para dar um recado ao professor, Roberto Hugo de matemática, que desligasse o som da Kombi porque os alunos estavam assistindo aula na biblioteca Zila Mamede. Aí, eu comecei a fazer tudo ao contrário. Ele disse: “Acari, vá lá e diga a esse cidadão que desligue esse som dessa Kombi ou baixa o som, que está prejudicando os estudantes”. Eu disse: “tudo bem”. Cheguei lá e disse:

– Professor Roberto, boa tarde!

– Pois não, Acari.

– Professor, o dr. Adriel Lopes Cardoso, está dizendo que o senhor pode ficar à vontade. Pode falar o que o senhor quiser e aumentar o som.

Aí pegue som na caixa e confusão, quando eu voltei lá, ele disse: “você não me serve mais. Mas ainda servi a ele para algumas coisas”. Eu fiz tudo errado, as fotos tirei todas ao contrário. Não tirei os rostos dos alunos, tirei a parte de trás. Ele disse:

– Mas Acari, você não tem juízo.

Eu disse:

– Mas o senhor me aceitou aqui. Eu ia tirar foto de ninguém.

Carlos Gomes: Mas quais eram as pessoas que ele queria pegar?

Milton Alves Araújo: Mineiro, ele também queria pegar o neto de Dinarte Mariz, não podia porque o avô era poderoso. Se alguém tiver contato com seu Adriel, seu Geraldo pode confirmar isso.

Carlos Gomes: Adriel está...

Milton Alves Araújo: Está né... eu sei. Os neurônios, professor... olhe, vou contar uma estória aqui ao senhor. O senhor já ouviu falar em Tenente Martins? José Martins de

Sousa? Ele foi chefe da segurança. Eu tinha a pipoqueira no setor II, e eu fazia a ronda, sim, eu depois fui para a segurança, por sinal hoje sou motorista. Meu inspetor está até aqui, é meu inspetor lá na segurança. O dr. Adriel se fazia moco, quando eu entrava num assunto, a moquidão dele voltava ao contrário. Era um artista, muito artista. Fátima Bezerra... eu cheguei uma vez de estar lanchando no setor II, e uma pessoa muito inteligente lá de Currais Novos dizer: “você vai crescer dentro dessa Universidade”, se referindo a Fátima Bezerra. E hoje ela é deputada federal. Essa senhora era da cantina do setor II.

Carlos Gomes: Mas ele pediu, olha, eu preciso saber informações, desses aí?

Milton Alves Araújo: Não. Veja só, eu fiquei na residência universitária durante quatro anos. Campus I. Ricarte um dia chegou e disse assim:

– Você está aqui para nos dedurar. Quem lhe mandou aqui foi o Coronel Mosca, o Capitão Cleantho ou Coronel Leão.

– Não foi nenhum dos três. Foi dr. Adriel Lopes Cardoso que me organizou para cá.

– É o quê?

Eu disse:

– Exatamente. Por sinal a ASI está lá.

Aí eu comecei sabe, professor? O juízo aqui é um pouco destrambelhado.

Carlos Gomes: A propósito, sobre o Coronel Mosca.

Milton Alves Araújo: Coronel Mosca? Gente boa. Tenho um bom contracheque graças a uma pessoa que pediu a ele para colocar. Ele é vivo, gente boa. Capitão Cleantho, gente boa. Tenente Martins mais ou menos, ele quis impedir da minha pipoqueira ficar em frente à biblioteca.

Carlos Gomes: Mas esses homens procuram fomentar, perseguir estudante?

Milton Alves Araújo: Não, não professor. O Coronel Leão tinha uma história de abrir um livro, tudo era em lei, parece que ele não tinha muita inteligência não. Ele lia um livro para poder falar alguma coisa. Um dia eu fui dizer “mas professor”, ele disse: “professor? Coronel”. Eu disse: “está resolvido”. Chamei ele de professor, ele não

gostou. O senhor quer me explicar uma história lendo o livro? Foi uma história meio louca, de um aluno que estava fazendo o que não devia aqui ao lado, fumando uma maconha. E ele ficou tão doido que disse o que não devia dizer. E tomou os ouvidos do professor Diógenes da Cunha Lima. E dr. Adriel, queria o nome desse aluno, filho de uma lavadeira de roupa que morava em Nova Descoberta. Esse menino sumiu do mapa, a mãe dele foi servente do setor II e entrou através de uma amizade, dr. Adriel a empregou.

Carlos Gomes: Você se lembra de algum estudante que era dedo duro?

Milton Alves Araújo: Professor...

Carlos Gomes: Professor e estudante.

Milton Alves Araújo: Olhe, tem amigos, a própria segurança da Universidade... Paulo Dantas ele participou.

Carlos Gomes: Mas quem era da segurança nem tanto, que era disso mesmo. Eu quero um professor que se passava por um democrata.

Milton Alves Araújo: Não. Professor Zacheu, ele, um dia eu fiquei meio cismado, ele disse [inaudível].

Carlos Gomes: Mas estudante infiltrado... tinha gente que estudava aqui, mas não era estudante de fato.

Milton Alves Araújo: Tinha um de Caicó, primo de dr. Vivaldo, de dr. Tarcísio. Ele era amigo de Besourão, chegou a ser goleiro de Caicó ou Jardim de Piranhas. Besourão foi vice-reitor aqui.

Carlos Gomes: Passavam por estudante era?

Milton Alves Araújo: Professor, é o seguinte, esse aluno, eu posso conversar com ele. Ele teve um problema de uma depressão profunda, ele passou num concurso, acho que descobriram alguma coisa e ele foi prejudicado. Ele era para ser técnico e hoje ele é auxiliar.

Carlos Gomes: Você entrou no tempo de qual reitor?

Milton Alves Araújo: Eu vim aqui para a Universidade porque o General Aníbal Gurgel, irmão de Manoel Gurgel do Amaral, era amigo de dr. Mário André Ase. Em 1976 eu vim ser jardineiro dessa família. Veríssimo da Nóbrega, depois Miguel Carrilho, depois Manoel Gurgel do Amaral. Eu entrei aqui com o professor Diógenes, e minha entrada aqui foi interessante, o professor lá, amigo de Silvio Procópio, eu não me lembro mais, eram umas famílias lá de Tirol. Eu era caseiro deles, de confiança dessas famílias. Me mandaram aqui para pegar um documento pra uma sobrinha de Manoel Gurgel do Amaral, só que como o General era muito amigo de dr. Domingos, esse documento foi entregue em minhas mãos. Então eu achei isso aqui lindo, muito interessante e disse que queria ser jardineiro da Universidade. Eu já tinha uma tendência para mexer com essa tal de abelha, com ferrão e sem ferrão. A história foi a seguinte: “Acari você vai lá e diz: ‘dr. Diógenes, me empregue aqui’. E o que é que você vai dizer que sabe fazer? Você vai dizer que bate pandeiro a canta coco”. Eu disse: “Como é, homem?”. “Você vai dizer isso”. Foi o que eu fiz. Cheguei aqui entrei para falar com ele, vim com o aval do General amigo de dr. André Ase. Ele me recebeu e disse a pessoa de Manoel Gurgel, amigo do General. Eu entrei em 1980 com dr. Diógenes. Quem comandava a prefeitura era Coronel Mosca e dr. Grijaldo Melo Viana.

Pessoa não identificada: Genário, você teve alguma vivência?

Milton Alves Araújo: Graças a Deus não. Complicado, sabia? A cozinheira me disse. Ele humilhou um dos motoristas lá. Ele disse: “o senhor não tem inteligência para me manobrar, e saiu do emprego em 15 dias”. Mas a história foi a seguinte: Professor Diógenes disse:

– O que você sabe fazer?

Eu disse:

– Bater pandeiro e cantar coco.

Ele olhou assim, e disse:

– Está empregado.

Eu vim com chapéu de couro na cabeça, vim todo matutão. Primeiro eu disse seu Cunha chamei de “reator”. Reator era de energia, quer dizer, ele tinha brilho. Depois de essa história ser espalhada em toda Natal. Mas isso já tinha sido falado por uma pessoa que

sabia que isso ia dar certo. Voltando a história da ASI, um dia, dr. Adriel, por telefone, disse: “eu vou ter problema, porque ele é inteligente”. Eu reconhecia muito as pessoas. Teve um aluno que morou na residência universitária, esse aluno era inteligente demais. Dr. Adriel tentou pegar ele. José Gurgel de Freitas foi bolsista da UFRN e diretor do DMP. Eu um dia posso perguntar a Gurgel se ele se lembra de paradeiro desse rapaz.

Carlos Gomes: Mas ele era informante?

Milton Alves Araújo: Professor, ele andou comigo alguma vezes aqui no setor II. Porque dr. Adriel queria saber o cabeça que tocou fogo no grupo gerador. Para queimar a parte elétrica e não haver a solenidade. Que foi a inauguração do Centro de Convivência. E meu apelido na residência universitária era dedo duro. Lá ninguém tinha nome, eram os apelidos. Tinha uns irmãos aqui na Universidade, um foi fazer um mandado para dr. Adriel e furou os quatro pneus do carro. Marcamos de nos encontrarmos no Carreta, ele ficou na residência universitária esperando a carreta passar, mas na verdade, Carreta era o restaurante do dr. Adriel Lopes. Dr. Adriel disse: “mas olha com quem eu me envolvi, é cada doido”.

Carlos Gomes: Mas o Adriel fazia medo?

Milton Alves Araújo: Terrível! Ele veio pegar uns documentos ali no arquivo, o filho de Pedro estava até comentando hoje, ele queria obrigar ele ficar até uma hora da manhã para encontrar.

Carlos Gomes: Quem era o outro militar infiltrado aqui?

Milton Alves Araújo: Olha, tinha um militar aqui, José Martins de Sousa, ele não era boa gente. Ele era pesado, e tinha um terrível. Chamava-se Liberato. Não sei se ele era Capitão, ele foi chefe do setor II e III. Um senhor liberou para uma senhora vender umas cocadas no setor, ele pegou essas cocadas e jogou longe. Ele me expulsou lá das piscinas, disse que peão não tomava banho de piscina. Eu disse: “então, o senhor engula sua água”, e fui embora. Esse militar Liberato, terrível. Ele era chefe dos setores. Ele era chefe da peõesada, dos setores I, II, III, IV. Ele nos tratava como bicho, mas comigo ele não arranjou muita coisa porque eu era amigo de dr. Adriel. Eu não era amigo de dr. Adriel, mas eu fazia os favores que ele me pedia sem prejudicar ninguém. Como eu disse no início da conversa, eu já sabia que essa ASI não era boa coisa. Sabe qual é o grande problema de dr. Adriel? Se o cara tivesse inteligência demais ele tinha medo do

camarada. Se tivesse a inteligência de um ali da residência, diretor da Vale do Rio Doce, o homem fala alemão. O pai o expulsou, ele foi morar com o padre de Florânia. Era Lindomar, acho que ele fala uns vinte idiomas.

Carlos Gomes: E esse Adriel não tinha medo de nenhum reitor não?

Milton Alves Araújo: Olhe. Dr. Ezequias pegado, “Pescocinho”. Era valente, chamou dr. Grijalva de negro na frente dele e disse que ele não fazia um chá de quebra-pedra. E disse a Adriel: “vá”... Ezequias enfrentou, acho que umas duas vezes. O vice-reitor, Ezequias pegado era valente.

Carlos Gomes: E Grijalva, era informante?

Milton Alves Araújo: Professor, eu nunca vi dr. Grijalva entrar na ASI. Eu vi dr. Cresio Medeiros, que era prefeito do campus. Que foi quem me levou lá para eu contar a história dos estudantes. Ele foi engenheiro da Cosern. Grijalva não ajudava não aos militares, pois uma vez ele não deu nem cartaz a dr. Adriel.

Carlos Gomes: Quem era o reitor que gostava de perseguir? O professor Daladier teve umas coisas aí.

Milton Alves Araújo: O professor Diógenes tinha medo da ASI acabar.

Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros: O que Adriel falava dos reitores?

Milton Alves Araújo: Uma vez ele disse que professor Diógenes era fraco. A história do arquivo lá. Aqui tem umas histórias interessantes, Capitão Cleantho, Capitão Seabra, Coronel Mosca, Coronel Leão, Tenente Martins, Tenente Eupídio, que era do grupo gerador, tinha o Sargento Lopes que era o homem dos arquivos.

Juan de Assis Almeida: O senhor ia falar sobre Zacheu.

Milton Alves Araújo: Com ele não tinha boquinha não. Foi, ele foi chefe da ASI. Ele me pediu um favor uma vez. Para eu localizar um nome de um aluno lá que faltou com respeito a ele na sala de aula.

[Inaudível]

Milton Alves Araújo: Isso aí sumiu lá de casa. Eu tentei dar parte, mas... acho que eu bebendo lá com a turma... alguém encontrou. A invasão da reitoria foi o seguinte: foi

articulada com a turma, que hoje tem pró-reitor. Por exemplo, professor Edmilson era da residência e hoje é pró-reitor. Hoje eu estive com dois, lá na convivência, parece que eles estavam adivinhando que eu vinha para aqui. Será que o presidente da comissão lá está colocando os caras para me seguir? E aí, os alunos se organizaram lá nas residências. Como eu era zelador, eu disse: “rapaz, eu vou ligar para seu Nelson Godeiro”, era motorista de dr. Jaime Mariz. Era um homem de alta confiança de dr. Onofre Lopes. E tinha seu Severino que era homem de confiança de Genário da Fonseca. Eram militares, seu Severino era soldado, chamavam até de resto de guerra, que servia para tudo. Quando o professor tomava umas lá. Eu agora vou me reservar, motorista passa por cada uma. Eu disse: “seu Nelson, os alunos estão invadindo a reitoria”. Ele disse: “diga para quem você merece dizer”. Eu disse: “seu Nelson, eu não dizer para dr. Adriel Lopes Cardoso não”. Aí, ele foi e falou para dr. Jaime Mariz. Chegou uma máquina numa rapidez tão grande. Eles vieram, invadiram a reitoria, eu vim com eles, por sinal Moabe, Cícero, doido de Caicó, “Quero Quero”, todo mundo fumando a maconha, todos alunos da residência. Trouxeram colchão, botijão. Chegou um rapaz lá do canteiro e disse: “Acari, você vai pernoitar na reitoria”. Eu disse: “eu vou vigiar os alunos?”. Tinha um bilhete, era de dr. Adriel. Não sei vocês sabem, mas professor Genivaldo Barros teve que sair às pressas, e dar expediente naquela Faculdade... o ETA. Mas dr. Diógenes não acabou com a ASI não.

Carlos Gomes: A ASI não existia mais, mas ela ainda estava por aqui.

Milton Alves Araújo: Estava sim. Professor, quando eu coloquei pipoqueira no setor II, III, IV e V. Os setores que eu mais vendia pipoca era o II e o III. Marcos Polo e mais dois professores de Física iam comprar pipoca e fumar. E dizia: “você é ligado a tal donos dos anzóis. Que hoje lá tem um fumódromo. Muitas vezes eu vi coisas assim... não é brincadeira não, três agentes da polícia federal. Eles eram agentes da polícia federal. Eles se passavam por estudantes. Carlão, Falcão, e o outro eu não me lembro, teve uma depressão no ouvido. Pedrinho Mendes tocou uma música lá de Geraldo Vandré, ele não gostou.

Carlos Gomes: Então, quer dizer que a polícia vivia aqui?

Milton Alves Araújo: Com certeza, até hoje. O Carlão é alcoólatra, quando eles se aposentam viram alcoólatra. Eram todos informantes.

Carlos Gomes: Mas eles não usavam sua pipoqueira?

Milton Alves Araújo: Não. Professor, eu queria saber de onde vinha essa estória de dr. Adriel fazer esse trabalho, se envolver com isso? As coisas que ele me pediu. Vocês já ouviram falar na boate Carcará? Pois era lá que o fumo rolava. Dr. Adriel um dia saiu de lá doido. Os olhos vermelhos da cor de fogo.

Carlos Gomes: E ele ia para lá fiscalizar o povo que fumava?

Milton Alves Araújo: Eu não sei.

Carlos Gomes: Quer dizer que essa história de fumar hoje ainda tem?

Milton Alves Araújo: Hoje é mil a zero.

Juan de Assis Almeida: Como eram os cartazes?

Milton Alves Araújo: Eram uns poemas. Abaixo a ditadura. Apoio da UNE. Professor Diógenes passou por baixo da faixa. Professor Diógenes era medroso, tinha medo de estudante, tinha medo de ASI, tinha medo de tudo.

[Inaudível]

Milton Alves Araújo: Dr. Adriel ficava feliz.

Juan de Assis Almeida: Mas no incêndio do gerador tinha fotos.

Milton Alves Araújo: Dr. Adriel por sinal disse: “mas Acari, eu estou meio assim, o neto de Dinarte Mariz está no meio disso aí”.

Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros: Seu Milton, o que Adriel fazia com os estudantes quando o senhor passou as imagens?

Milton Alves Araújo: Ele passava as informações para os órgãos competentes. Teve um aluno que o segurança era Sotero. Esse senhor aqui o enfrentou, ele é da escola técnica. E Carrapicho deu uma lição em dr. Diógenes da Cunha Lima, disse: “o senhor não é inteligente?”. E chamou-o de bundão. Fui lá, acho que conversei, acho que três minutos. O rapaz disse: “não, o rapaz que veio aqui contou a mesma história”.

Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros: O senhor sabe de mais nomes de pessoas que colaboraram com isso?

Milton Alves Araújo: Sim. Risomar, Paulo Dantas, mas ele não virá aqui, Lourenço, José Dias, Aracy, que era de confiança de dr. Adriel. Gente boa ela. Ela ajudou.

[Inaudível]

Milton Alves Araújo: Eu não via outra pessoa, só dr. Adriel Lopes. Mas seu Mário vivia no meio do mundo anotando placa de carro e dando recado ao povo. Ele foi servidor, lá das Rocas. Ele era Bombril da ASI. Ele descobriu onde eu morava. Eu conheci a ASI funcionando na Biblioteca Zila Mamede, eu contei sete cadeados. Eu sei que um dia saiu um aluno com os olhos muito vermelhos, ele ia ser jubulado. O Tenente disse: “Acari, meu sobrinho vai ser jubulado. Faço um favor? Peça a dr. Jairo fazer alguma coisa por meu sobrinho”. Peguei o processo que estava em cima e coloquei em baixo. Esse aluno ia ser jubulado. O nome era José Eduardo Cardoso. Não sei o quê Câmara.

Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros: Seu Milton quando você foi chamado na Polícia Federal o que eles perguntaram?

Milton Alves Araújo: Eles perguntaram quem eram os cabeças da ocupação, o negócio do Restaurante Universitário. Por sinal, professora Justina Iva botou para torar. Só isso aí. E um professor que estava no meio deles, que eu não me lembro do nome dele. Foi um professor que sumiu, mas Roberto Hugo ficou até hoje. O motivo dessa foto foi a seguinte: eu era motorista da pró-reitoria estudantil, no lugar de seu Nelson. E fui deixar a atual esposa de Roberto Hugo, aí quando eu deixei ela lá em Ponta Negra, eu disse: “olhe, o esposo da senhora é Roberto Hugo? Ele foi investigado várias vezes pela ASI, eu que ia deixar recado para ele”. Ela disse: “o que, seu Milton?”. Foi sim. Ele mandou o professor até se vestir melhor. Ele morava em Mãe Luiza, arranjou um bicho de pé, e dava aula pulando de um pé só. O carro dele nascia pé de feijão, pé de... eu vi capim nascendo na mala do carro. Ele era uma figura.

[Inaudível].